

ENCONTROS E DESENCONTROS EM *DE GADOS E HOMENS*, DE ANA PAULA MAIA

ENCUENTROS Y DESAJUSTES EN *DE GADOS E HOMENS*, POR ANA PAULA
MAIA

Michele Felizardo Lopes de Oliveira¹

RESUMO: O artigo pretende proporcionar o debate acerca dos encontros e desencontros entre o texto literário e o roteiro. A obra literária escolhida para exemplificar as semelhanças e diferenças entre as distintas manifestações artísticas foi *De Gados e Homens* (2013) é de autoria da escritora e roteirista Ana Paula Maia que desenvolve uma narrativa rápida e ágil com espaços bem demarcados visualmente através de recursos sinestésicos e detalhes descritivos, flertando entre o roteiro e a literatura com a saga violenta de Edgar Wilson, atordoado de um matadouro. A análise será desenvolvida sob a perspectiva de Syd Field (2001) e Doc Comparato (1995) no âmbito do texto roteirístico.

PALAVRAS-CHAVES: literatura; cinema; roteiro cinematográfico; Ana Paula Maia.

RESUMEN: El artículo pretende proporcionar el debate sobre los encuentros y desencuentros entre el texto literario y el guión. La obra literaria elegida para ejemplificar las similitudes y diferencias entre las distintas manifestaciones artísticas fue *De Gados e Homens* (2013) es de la autoría de la escritora y guionista Ana Paula Maia quien desarrolla una narrativa rápida y ágil con espacios bien delimitados visualmente a través de recursos sinestésicos y detalles descriptivos, coqueteo entre el guión y la literatura con la violenta saga de Edgar Wilson, aturdiendo un matadero. El análisis se desarrollará desde la perspectiva de Syd Field (2001) y Doc Comparato (1995) en el ámbito del texto del guión.

PALABRAS CLAVE: literatura; cine; guión; Ana Paula Maia.

¹ Mestranda em Estudos de Linguagens na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: michelefelizardo30@gmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A relação entre literatura e cinema é antiga, presente desde o estabelecimento do gênero audiovisual, que possui sua data marcada na história, diferente da literatura. O cinema se apropria da narrativa literária para contribuir com a sua arte de contar histórias por meio de imagens. Embora ambas se encontrem e desencontrem nos seus percursos, carregam consigo suas próprias identidades.

O cinema com exclusiva “certidão de nascimento”, datado em sua primeira sessão que aconteceu no Café Chat Noir, do Boulevard des Capucines, em Paris, no dia 28 de dezembro de 1895, com a exibição de uma cena que durou 50 segundos bebe na fonte literária, encontrando inesgotáveis narrativas para alimentar as telas, mas também dando como contrapartida um fôlego maior à literatura e a comercialização de livros adaptados através da mídia cinematográfica.

Segundo Haroldo de Campos (2013) o encontro destas manifestações artísticas vão além de simples adaptações, de traduções, de cópias. Identificada a literatura e o cinema como linguagens artísticas independentes, ambas possuem suas próprias características, ainda que compartilhem momentos juntas. Portanto o termo correto é uma transcrição, pois para uma nova linguagem, ainda que fornecida da fonte literária, será uma nova criação, original, autêntica.

O roteiro será a parte intermediária entre literatura e cinema. E de acordo com Syd Field (2011) é uma estrutura, que segundo o latim constrói, organiza ou agrupa elementos diferentes. Mas há outro valor para estrutura, é o relacionamento entre as partes e o todo. Neste sentido ele organiza o texto para a transmissão das palavras em imagens, dos atos em cenas.

Na reflexão entre roteiro e literatura discutiremos os encontros e desencontros dentro da obra *De gados e homens* (2013), escrita pela autora e

roteirista carioca Ana Paula Maia. Comparada a João Gilberto Noll, Rubem Fonseca e ao americano Willian Faulkner, sofre influência na sua escrita de Fiodor Dostoiévski, Júlio Verne e Edgar Alan Poe. Ainda amplia sua relação com a escrita aliada com a paixão por filmes de Faroeste.

A escritora Ana Paula Maia é bicampeã no Prêmio São Paulo de Literatura: Melhor romance do ano, em 2018 com a obra *Assim na terra como embaixo da terra*, em 2019 com a obra *Enterre seus mortos*. Indicada ao Prêmio Jabuti em 2019 com o livro *Enterre seus mortos*. E além das páginas ela avançou para as telas como roteirista da série *Desalma* na Globoplay e terá sua obra *Assim na terra como embaixo da terra* adaptada para microssérie assinado por Raphael Montes.

Desde o início de sua carreira literária, a relação da escritora com o cinema é intensa na sua escrita. No seu primeiro livro *O habitante das falhas subterrâneas* (2003) a ligação ainda é tímida, apenas marcada por cenários bem descritos. No segundo, *Guerra dos Bastardos* (2007) os capítulos são numerados com algarismos romanos, como os roteiros, com linguagem concreta, cenário bem marcado, sons descritos por onomatopeias. Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos (2009) a violência numa trama ágil marca a relação com as imagens como em *Carvão animal* (2011). Na obra *De gados e homens* (2013) desenvolve uma narrativa rápida e ágil com espaços bem demarcados visualmente através de recursos sinestésicos e detalhes descritivos, flertando entre o roteiro e a literatura com a saga violenta de Edgar Wilson, atordoador de um matadouro.

ENCONTROS E DESENCONTROS

A premissa do encontro entre literatura e cinema prioriza a estrutura da narrativa, todo filme é, em sua essência, uma narração, além do fato de antes de

chegar à tela tenha sido gerado como roteiro. Esta aproximação da narrativa configura-se no principal elo entre as distintas artes.

De acordo com Walter da Silveira (1966) o cinema é uma arte narrativa tanto quanto o romance, pois sua existência gesta-se na narração de encadeamento de ideias, no entrelaçamento de temas. O espectador vê o filme como o leitor lê o romance: pelo que se passa. Aliás, o leitor, também vê no romance, através da sua imaginação, as imagens que o filme lhe fornece dada uma determinada narração.

Randal Johnson (1982) concorda que o código narrativo é o elo mais significativo que cinema e literatura compartilham que pode também ser chamado de discurso narrativo. O código é uma camada autônoma de significação com uma estrutura que pode ser isolada da linguagem específica que o transmite. Segundo o teórico, filme e romance são praticamente iguais na capacidade de significar. Ambos usam e distorcem tempo e espaço e tendem a usar a linguagem figurativa ou metafórica.

Outro encontro entre a obra visual e verbal é impressão de realidade construída com técnicas específicas, dentre elas o roteiro. De acordo com Jean Claude Bernardet (1985) esta expressão conferiu o grande sucesso do cinema. E Ana Paula Maia, escritora e roteirista, consegue na obra *De Gados e Homens* (2013) com frases decididas e cortantes construir uma ficção com elementos da realidade, apresentando personagens comuns a nós que poderiam gerar comiseração e piedade, mas que no desenrolar da trama rápida e ágil lutam pela sobrevivência impossibilitando ao leitor pausas para reflexão sobre a situação humana.

Segundo Doc Comparato (1995) o roteiro e o romance se assemelham na possibilidade de manipular a fantasia narração, já não na sua capacidade de jogar com o espaço e o tempo de forma mais fidedigna, mas sim no fato de não depender da representação humana. Neste aspecto o roteirista está muito mais

perto do diretor, da imagem, do que o escritor, mas a obra de Ana Paula Maia flerta com o roteiro desenhando as imagens com as palavras e fornecendo ao leitor um processo visual próximo ao roteiro. Ainda que, o romancista escreve, enquanto o roteirista trama, narra e descreve, Ana Paula Maia chega muito próximo da concretude do roteiro, com uma narrativa de imagens precisas possibilitando ao leitor vivenciar a cena.

Entre dois caminhões novos, estaciona a velha caminhonete bege enferrujada. Ajeita a blusa para dentro da calça, passa um pente nos cabelos claros ondulados, apanha a ordem de cobrança e entra na fábrica. (MAIA, 2013, p.18).

A narrativa de Ana Paula Maia no fragmento projeta no leitor imagens precisas e gera um clima de expectativas sobre os desdobramentos dos fatos. Assim, atende aos pressupostos de Syd Field (2001) na constituição de um roteiro, embora escritos na forma de romance, porém na possibilidade de uma passagem do verbal para o visual, não seria uma obra com grandes obstáculos, pois sua escrita já se aproxima do roteiro, ainda que seja um romance.

A morte, o sangue e as vísceras carregam as palavras de sentido visual, aproximando obra e leitor. A narrativa desenvolvida sempre no presente do indicativo também contribui para esta aproximação e marca o encontro entre literatura e cinema, já que as imagens carregam uma narrativa em tempo presente. [...] Quando passa um minuto, silenciam gradativamente até que sobre apenas o zumbido das moscas graúdas que se alimentam dos restos do gado morto. (MAIA, 2013, p.23).

O ambiente escolhido pela autora para desenvolver a trama é um abatedouro de gado, mas ela descreve no início da narrativa o escritório aproximando-o do texto roteirístico. Faz uma descrição da ambientação característica do cinema, com o local bem demarcado. Além do espaço, está

presente a indicação de tempo: dia/noite. Em outros trechos, marcas de tempo, de espaço, e recursos sinestésicos fazem o leitor ter uma visualização mais precisa da narração elaborada por Ana Paula Maia, aproximando-a do roteiro neste momento que consegue imprimir as marcas visuais através do código escrito.

[...] Edgar Wilson está apoiado no batente da porta do escritório do seu patrão, o fazendeiro Milo. O escritório não passa de um cômodo espremido ao lado do setor de bucharia do matadouro. (MAIA, 2013, p.9)

[...] Nos fins de tarde, quando o crepúsculo abre fendas avermelhadas no céu, como fissuras em um vulcão, os ruminantes afastam-se das pastagens e vão se recolher em pequenos grupos debaixo de alguma árvore. Mas hoje em dia está nublado e o céu, em vez de uma tonalizante sangrenta terá um cinza escuro margeando suas extremidades. (MAIA, 2013, p.27)

[...] Ao cair da noite, o negrume em si todos os vestígios do dia. Apenas o cheiro de sangue e excrementos é percebido. (MAIA, 2013, p.28)

[...] Chama-se Rio das Moscas e, desde que os matadouros cresceram na região do Vale dos Ruminantes, suas águas limpas encheram-se de sangue. No fundo desse rio está depositado todo tipo de coisa orgânica e inorgânica. Humana e animal. (MAIA, 2013, p.35).

Na construção do roteiro a personagem é como a personalidade e aplica-se às pessoas com um caráter definido que aparecem na narração. Pode ser desenvolvida por meio da *story line* – linha da história, fio da trama sob a forma de um texto: uma sinopse. Nos trechos abaixo temos uma sinopse do chefe do abatedouro, o fazendeiro Milo, e logo a seguir, uma breve descrição de Edgar Wilson, como protagonista é construído com o desenvolvimento da trama.

Edgar Wilson está apoiado no batente da porta do escritório do seu patrão, o fazendeiro Milo, que conclui um telefonema aos berros, já que desde cedo aprendeu a berrar, quando solto no pasto, ainda bem menino, disputava com o bezerro a teta da vaca. (MAIA, 2013, p.9)

[...]

Seu Milo costuma ir à missa com a família logo pela manhã, mesmo tendo bebido e deitado com prostitutas na véspera. Mas se considera um bom homem e nunca foi confrontado por suas atitudes. Acredita que a hóstia o limpa de toda impureza e o redime de toda imperfeição. (MAIA, 2013, p.76)

[...]

Edgar Wilson permanece em silêncio enquanto aguarda a decisão do patrão. Em sua mente não passa ideia, pois não é seu costume buscar soluções, a não ser que seja solicitado. (MAIA, 2013, p.9).

O diálogo, estrutura que se encontra tanto no roteiro quanto no romance, etimologicamente deriva do grego *diálogo* que equivale à conversa. Pode ser encontrado nas narrativas nas formas de solilóquio, falar sozinho; monólogo interior, fluxo de consciência ou pensamento da personagem; coro, expressão pelo canto; narração a ação de narrar, contar, relatar acontecimentos ou fatos, englobando ação, movimento e a passagem do tempo.

O corpo de comunicação do roteiro será o diálogo, caracterizando as personagens, dando informações sobre a história e fazendo a trama se desenvolver. Um bom diálogo deve refletir os sentimentos dos personagens. A narração lógica não fornece dados sobre a história, mas sim vozes carregadas emocionalmente. Através das falas dos personagens podemos caracterizar ou definir o momento ou a cena.

[...] - Eu não apostei nada, velho – responde Edgar.

Emérito solta uns grunhidos, pigarreia e cospe no chão.

- Patife! É melhor a gente voltar pro trabalho. O horário de almoço já terminou. Tem uma tonelada de restos me esperando lá na graxaria.

- Velho, você precisa se aposentar – diz Helmulth. (MAIA, 2013, p.26).

Segundo André Bazin (2014), os filmes de Western dependem tanto de um bom roteiro quanto do bom emprego do horizonte e o lirismo da paisagem

como é representado no fragmento de Maia. Influenciada por filmes de Faroeste constrói um cenário desértico com cruzeiros à beira da estrada, marcando as inúmeras mortes. A estrada que caracteriza a cena do diálogo entre Edgar Wilson e Erasmo Wagner, confissões de sangue, remete a lembrança dos filmes de faroeste relembrando a perfeição de um roteiro que surpreende continuamente a partir da trama clássica. Nada de símbolos, segundas intenções, sombras de psicologia e sim apenas personagens convencionais com funções conhecidas, mas com uma organização engenhosa e sobretudo uma invenção constante quanto aos detalhes capazes de renovar o interesse das situações.

Edgar Wilson para a caminhonete no acostamento. Erasmo Wagner coloca a bicicleta na caçamba do veículo, abre a porta do carona e senta-se ao lado de Edgar, visivelmente agradecido.

- Obrigado por parar. O pneu furou.

- Tá indo pra onde?

- Trabalho na construção da nova fábrica de hambúrguer.

Edgar Wilson estica a mão direita em cumprimento. O homem responde ao gesto:

- Erasmo Wagner. Às suas ordens.

- Eu trabalho lá no matadouro do seu Milo – diz Edgar Wilson.

- Sei onde é. Você faz o quê lá?

- Sou atordoado.

Erasmo Wagner arria a outra metade da janela e apoia o braço para fora. Mais alguns metros, embalado pelo vento morno e ruidoso, ele se lamenta.

- Muita gente já morreu aqui.

A sequência de pequenas cruzeiros à beira da estrada é interminável. A morte tange todo o perímetro percorrido, tanto na estrada quanto no rio contaminado que corta a região.

Edgar acende um cigarro e oferece outro a Erasmo Wagner. As nuvens ajuntam-se encobrendo o céu, e mesmo com a nebulosidade não há indício de chuva.

- Quando a fábrica fica pronta? – pergunta Edgar Wilson.

- Se a obra não atrasar mais, acho que nem em uns dois ou três meses.

- Essa vai ser bem maior que a outra. Você trabalhou na construção da outra?

- Não. Naquela época eu tava cumprindo pena. Fui solto faz um ano e pouco.

- Mais que eu pretendia. Mas acertei minha dívida e estou livre pra morrer até mesmo nesta estrada. O que é bem melhor do que morrer na cadeia.

- Morrer em liberdade é morrer com sorte.

(MAIA, 2013, p.14-15)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O roteiro cinematográfico diferente do romance literário é criado para um objetivo específico: transformar-se em objeto audiovisual. De caráter efêmero possui um estado transitório, uma vida passageira que se conclui ou finaliza quando surgem as imagens. No momento em que o filme é produzido, o roteiro deixa de ter utilidade, deixa de existir. Diferente do livro que é o produto final, a obra *De gados e homens* (2013) é a versão final da obra de arte e não um instrumento intermediário, um meio para se chegar à outra coisa, distinguindo-se do roteiro.

O destinatário é outra distinção que traçamos entre o roteiro de cinema que não cabe no texto de Ana Paula Maia. O roteiro se destina a poucos leitores, e a um público específico, profissional no percurso da criação fílmica, portanto este texto poderia ser enquadrado a uma função utilitária. Cada pessoa envolvida na produção do filme o lerá buscando suas informações pertinentes aos seus interesses. Os atores avaliam seus papéis, o diretor busca elaborar um plano de trabalho, o editor deverá guiar e organizar o ordenamento das tomadas etc.

O romance *De gados e homens* (2013) é direcionado a outro destinatário quando publicado pela editora Record. Uma obra literária, uma narrativa aberta à fruição estética, crítica, sociológica e tantas outras que a literatura permitir. Ainda que com ambientes bem marcados, indicação de tempo, local, sinopses

que explicam os personagens e diálogos marcados emocionalmente, a narrativa permite ao leitor visualizar a história, sentir cheiros e náuseas com seus recursos sinestésicos, mas ainda é um romance. Tais elementos aproximam a narrativa de Ana Paula Maia de um roteiro, simplificaria o processo de transcrição pelo fato da sua escrita fornecer elementos próximos da arte do cinema que tem como objetivo transmitir sensações através de imagens, mas ainda o mantém na categoria de romance e reforça a ideia que literatura e cinema são artes distintas, mas que podem se encontrar pelos caminhos.

REFERÊNCIA

BAZIN, André. *O que é cinema?* Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

BERNADET, Jean-Claude. *O que é cinema?* São Paulo: Brasiliense, 1985.

CAMPOS, Haroldo. *Transcrição/organização* Marcelo Tápia, Thelma Médici Nóbrega. São Paulo: Perspectiva, 2015. p.256-315.

COMPARATO, Doc. *Da criação ao roteiro*. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

FIELD, Syd. *Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico*. 14 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MAIA, Ana Paula. *De gados e homens*. 1 ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

JOHNSON, Randal. *Literatura e Cinema – Macunaíma: do modernismo na literatura ao cinema novo*. Trad. De Aparecida de Godoy Johnson. São Paulo: T.A Queiroz, 1982.

SILVEIRA, Walter da. *Fronteiras do cinema*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1966.

Recebido em 10/09/2020. Aceito em 01/12/2020.